



Do/a autor/a sobre o exílio

Salvos

Estava deitada na carruagem meio-vazia e tentava dormir. A lua brilhava e iluminava a paisagem. De tempos a tempos levantava a cabeça para olhar pela janela. A viagem de Madrid até Valencia é o mais monótono que há. Até onde a vista alcança, nada mais há do que planos desertos de erva e milhões de oliveiras. O solo infértil só produz coisas sem cor. Cores vivas só aparecem onde os solos férteis fazem nascer a aristocracia das plantas. Nos desertos secos de Espanha é o reino dos pobres entre os mais pobres. Aqui reina a erva das estepes, dura, afiada, castanho acinzentada. A única árvore satisfeita com estas condições de vida é a oliveira de folhas verde-prata. Também as poucas pessoas que aqui arrastam a sua existência miserável não conhecem cores claras. As suas cabanas são feitas de adobe vermelho-amarelado e parecem ter nascido do chão. Algumas das cabanas são feitas apenas de ramos e ervas. São redondas e fecham em cima num bico. São cavernas sem janelas, equivalentes às habitações dos selvagens em África. O luar, fraco e suave, afigurava-se a iluminação apropriada para esta paisagem sem cor.

O meu pai tinha comprado um jornal espanhol em Madrid e procurava decifrar nele o que se teria passado no mundo desde que víamos o último jornal francês. Mostrou-me uma pequena notícia da qual decorria, sem qualquer dúvida, que a fronteira espano-portuguesa estava encerrada. Mais tarde, soubemos que este bloqueio não se referia àqueles que já tinham um visto, mas que era uma desgraça para os que o não tinham. A pobre da Senhora Weichmann foi uma das afetadas. Todavia, quando íamos de Madrid para Valência causou-nos um medo terrível a ideia de que pudéssemos ficar presos naquele deserto ou que tivéssemos que voltar para Madrid.

Como em todos os comboios, chegou um funcionário para controlar os nossos papeis. Sempre que isso acontecia, eu pensava com o coração sobressaltado que era um desporto bem desagradável viajar por Espanha com o nosso nome. Mas para meu descanso percebi que os revisores só olhavam para os vistos e não queriam saber do nome. Enquanto não estivéssemos em Portugal continuávamos em perigo. E, agora, o caminho para Portugal talvez estivesse encerrado...oxalá tenhamos lido mal o jornal; com este pensamento, deitei-me para trás e fechei os olhos.

Pelas oito horas da manhã, chegámos à aldeia fronteiriça espanhola. Os carregadores abriram as portas e levaram as malas para o posto da alfândega. Então ainda devia ser possível! Nenhum de nós tinha conseguido dormir de noite. Os funcionários submetiam os viajantes a uma verdadeira tortura. Primeiro tinha que se esperar durante horas, até as malas estarem todas revolvidas. Depois tinha que se tratar de as fechar tão bem quanto possível, para nos juntarmos à longa fila de gente que esperava para ser revistada. Depois era-se apalpado numa pequena cabine e levado para a sala onde tinha que se mostrar e declarar o dinheiro que se possuía. Quando o meu pai chegou ao *guichet*, cansado e tenso, disseram-lhe que tinha trazido pesetas a mais. Só se podiam trocar 100 pesetas por passaporte; o resto tinha que ficar. Sentimo-nos impotentes perante este roubo descarado. Do pouco dinheiro que tínhamos, perdemos umas centenas de pesetas. O funcionário perguntou para que direção devia enviar o dinheiro. O meu pai indicou o cônsul americano em Madrid.

Mais tarde soubemos que o cônsul recebia frequentemente cartas de pessoas que estavam na mesma situação que nós, mas que ele nunca tinha visto um tostão que fosse dessas quantias.

Umhas centenas de pesetas mais pobres, esperávamos com os outros viajantes ao calor tórrido do verão na estação e rezávamos para que chegasse o comboio, que ainda não tinha aparecido. Só queríamos partir, sair desta Espanha suja! Por volta do meio dia, chegou o comboio. Precipitámo-nos para ele como as feras se atiram às presas. Durante uma hora rolámos ao longo da fronteira, até que vimos ao longe casas viçosamente brancas e telhados vermelhos. Percebemos logo que isto já não era Espanha.

O comboio parou na aldeia branca e alguns jovens lavradores, bonitos como estampas, levaram as malas para fora. Aqui não houve inspeção da bagagem nem pessoas revistadas. Os nossos passaportes foram recolhidos e deviam ser-nos entregues pelas cinco horas da tarde, quando o comboio partisse para Lisboa. Entrámos no restaurante da estação, limpo e simpático, e sentámo-nos a uma mesa.

Lentamente, muito lentamente, entrou-nos na alma um pensamento maravilhoso, como toque de sinos pelo silêncio do entardecer. Estamos salvos. Estamos fora do alcance da Gestapo. Conseguimos fugir à sombra ameaçadora da morte. Fomos de novo dados à vida. Podemos voltar a ser gente.

Lisboa

Quando, à meia noite, chegámos a Lisboa, os Rinner esperavam-nos na estação. Cumprimentaram-nos com a cara mais normal, como se nos tivessem ido buscar ao autocarro 94 em Butte¹. Não sei o que poderiam ter feito de diferente. Mas eu fiquei desconcertada! Como se podia falar do hotel barato e da boa comida e do próximo barco? Não era um momento miraculoso que, escapados a todos os sustos de Agen, Sète, Castres, Marselha nos encontrássemos uns aos outros na estação de Lisboa? Rinner parecia ter esquecido o momento em que uma certa gabardine cinzenta tinha voado pelo ar.

Até aos dias de hoje, Lisboa é o que era na época em que lá cheguei. A última cidade da Europa livre, intocada pela guerra, a única porta através da qual se pode alcançar o resto do mundo a partir da Europa. Nos primeiros dias, ficávamos embasbacados em frente das lojas e não acreditávamos no que víamos. Nas montras amontoavam-se queijo, enchidos, carne, manteiga, leite, fruta, legumes, chocolate, mel, bolos e café castanho e aromático, aos gramas, que em Portugal é quase de graça. Ainda havia no mundo uma coisa assim?

Eu comia açúcar aos bocados, coisa que nunca antes fizera, e devorava montes de bolos. Muitas semanas depois, a Anna e a Lily Geyer chegaram a Lisboa depois de muitos trabalhos e a Lilly foi convidada para ir a uma confeitaria. Quando chegou a casa, a mãe perguntou-lhe: «Comeste bolos?» «Sabes, disse a Lilly só comi cinco, como tinha sido convidada, achei que não devia pedir mais».

Se a Espanha é pálida e cinzenta, Lisboa é a cidade que brilha. Lisboa é uma das cidades mais bonitas do mundo e as cores contribuíram por certo para essa classificação. Nunca vi casas construírem uma sinfonia de cores tão maravilhosa como esta. Casas vermelhas, verdes, azuis, amarelas em todas as tonalidades, umas ao lado das outras. Algumas casas são feitas de azulejos de padrões artísticos e o sol claro e brilhante do Sul confere-lhes uma beleza especial. Lisboa está construída em cima de colinas. Nunca antes vira uma paisagem urbana tão variada. Por exemplo: quando se desce do velho castelo arruinado atravessam-se vielas muito estreitas, onde crianças escuras e sujas brincam em frente das portas dos pequenos casebres. Depois desce-se o monte a pique e, de repente, espraia-se o olhar por sobre o mar de telhados até lá baixo ao Tejo e aos barcos, que deslizam lenta e majestaticamente até ao mar.

É maravilhoso o passeio que da ampla Praça do Comércio, que fica mesmo junto ao rio, sobe até ao Rossio, o centro da vida da cidade, e continua pela Avenida da Liberdade, comprida e larga, cheia de palmeiras. Não há cidade que tenha tantos jardins como Lisboa. Onde há um bocadinho de espaço livre, encontram-se flores, árvores e relva verde.

Por muito bonita que seja Lisboa, ao fim de uma semana eu ansiava ardentemente poder sair de lá. A nossa pensão estava repleta de emigrantes. Onde há emigrantes, há mexericos e «bobards». Alguns dias depois de nós, chegou Weichmann num

¹ O subúrbio de Paris de onde tínhamos fugido (N.A.)

estado de grande desespero. Contou-nos que um dia depois da nossa partida tinham recebido a «application» e que tinham ido com ela ao consulado português, radiantes de felicidade, para descobrirem lá que a concessão de vistos de passagem portugueses estava suspensa por tempo indefinido. Então tinham telegrafado para Marselha e pedido a confirmação de qua a Frau Weichmann já tinha recebido um visto. Mas, entretanto, a polícia espanhola tinha levantado dificuldades, e a sua mulher tinha-lhe pedido encarecidamente para ele partir, que era mais fácil para ela escapar sozinha. Então tinha partido, e agora arrependia-se amargamente.

Algum tempo depois, chegaram finalmente os Vogel e os Ollenhauer e também a Frau Weichmann. Depois, chegou-se à conclusão de que o cônsul americano em Lisboa era contra os emigrantes e levantava grandes problemas na concessão dos vistos. Agora a Frau Weichmann tinha um visto; o Herr Weichmann, bem como os filhos do Vogel e do Ollenhauer não. Assim, as dificuldades voltaram ao princípio. E com elas cresciam as «bobards». Em vez de estarem felizes e contentes por estarem em Lisboa, inventavam histórias de que o exército alemão marchava por Espanha para ocupar Lisboa.

Isto foi uma das razões que me estragaram Lisboa. A segunda foi a falta de liberdade das mulheres. A Frau Schwerin, cujos pais são velhos amigos do meu pai e que emigrou para Lisboa, contou-me como as mulheres vivem oprimidas em Portugal. As mulheres são obrigadas a ficar em casa. Mulheres na universidade são uma raridade. Uma mulher «decente» não sai de casa à noite. Nos cafés grandes vêem-se duas mulheres por cada cem homens. Era muito desagradável andar sozinha na rua. Cansei-me rapidamente dos comentários a que um ser do sexo feminino está sujeito permanentemente.

E depois estava farta da vida de ciganos que levávamos há meses. Tinha saudades de uma vida organizada, de trabalho, de uma ocupação. Tinha um bocadinho de medo da América e da vida nova que lá devia encetar. Queria atirar-me à nova tarefa o mais depressa possível. Assim, esperava com grande impaciência a chegada do «Nea Hellas» que nos havia de levar para lá do oceano.

A partida

Com as suas 18.000 toneladas, o «Nea Hellas» era de longe o maior barco que à época assegurava o tráfego entre a Europa e a América. A bandeira grega azul e branca adejava majestosamente ao vento lado a lado com a bandeira portuguesa vermelha e verde. O panorama colorido, vívido e inquieto da vida no porto ganhou uma nota ainda mais agitada com a chegada do grande navio.

Iríamos então viajar para a América debaixo da bandeira grega! Lentamente crescia em mim a ânsia de partir, até que ela tomou completamente conta de mim! O navio ia largar dentro de três ou quatro ou cinco ou seis dias. A partida era constantemente adiada, por um dia, e mais um e mais outro. E se o céu não nos cair em cima, havemos de partir. A «América» estava tão perto e contudo tão infinitamente longe que me parecia extraordinária a ideia de que oito dias depois da partida eu estaria em Nova Iorque.

Por fim, foi fixado o dia. No dia 6 de outubro, cerca das duas da tarde, um táxi parou em frente da Pensão Leirieuse (*sic*). Depois de nos despedirmos de todos os amigos, dissemos ao chauffeur que nos levasse até ao «Nea Hellas». Ele assentiu e eu olhei mais uma vez pela janela, para onde os Vogel, os Ollenhauer e os Weichmann estavam a acenar.

Seguíamos pela última vez pelas ruas de Lisboa. Pouco antes do cais, abriu-se a ponte levadiça sobre o rio que separa o cais da cidade. Isto significava que iríamos permanecer mais meia hora no continente europeu. Do lugar onde estávamos podíamos ver as chaminés do navio e o fumo azul acinzentado que se entrelaçava no ar e depois se esbatia. Mais uma meia hora e depois talvez ainda uma hora e depois então já não teria solo europeu debaixo dos pés...

A ponte voltou a baixar e pudemos passar. Uma enorme massa humana acumulava-se em frente ao navio. Demorou imenso até nos deixarem subir, pois cada um de nós era controlado por um médico, se tinha sido vacinado. Estava terrivelmente mal organizado. Tivemos que esperar uma hora no aperto até que o funcionário antipático nos deixasse entrar no navio. Seguimos por um passadiço pequeno e estreito, tão curto, mas tão longo, e tínhamos a Europa atrás de nós.

O «Nea Hellas» é (ou era?) um vapor elegante. A nossa cabine em classe turística era excelente. Havia dois lavatórios com água corrente, três camas confortáveis, duas delas formando um beliche. A janela dava para um deque, podia assim ser aberta e tinha um cortinado bonito, de tecido florido. Visitámos rapidamente o barco, com todos os seus salões e salas. Agora tínhamos ainda à nossa frente uma espera de oito ou dez horas.

Escurecia. As luzes de Lisboa apareciam da semi-obscuridade como pirilampos num arbusto. Lentamente a noite desce o seu manto sobre nós. Estrelas brilham. Buzinas de carros chegam abafadas até nós. A água do rio bate baixinho no casco do navio, como um regato de montanha numa grande pedra. Ainda estamos ligados ao continente. Ainda há um passadiço estreito que vem de terra até nós.

É uma noite serena. Nada deve turvar a devoção desta hora. A cinco metros de nós fica a Europa, a nossa pátria sangrenta, ardente, destruída. Na terra a cinco metros de nós, eu nasci. Com essa terra se liga cada fimbria do meu coração. Europa sou eu; eu sou Europa. Tudo quanto amo, tudo quanto me ama está na Europa. A Europa foi para mim a vida, Europa é para mim alegria e tristeza, amor e ódio, felicidade e infelicidade.

E nós? Nós abandonamos a Europa. Desertamos da infelicidade da Europa. Escapulimo-nos na noite.

Um toque das sirenes! Que queres, voz tenebrosa? Porque rasgas o silêncio sagrado desta noite?

Devagar, como se se envergonhasse, ergue-se a ponte de desembarque. Estamos desligados da Europa, e os cinco metros transformam-se numa lonjura longa e insuperável...

O som do teu lamento ecoa pela segunda vez, sirene? Ainda não, ainda não ...

Os cinco metros fazem-se seis e sete e oito: então, seja. Querida pátria, adeus!

Suave e lentamente, o «Nea Hellas» desliza pelo rio abaixo em direção ao mar aberto. Como um país de conto de fadas passa por nós a exposição claramente iluminada. Deslizamos para mais e mais longe até que as luzes de Lisboa se perdem no céu estrelado, para mais longe, até que o horizonte mergulha numa escuridão uniforme.

Lá atrás, muito lá atrás, onde as últimas luzes mergulham na água, era a Europa. E à nossa volta é noite.

In: Loring, Marianne (1996), *Flucht aus Frankreich 1940. Die Vertreibung deutscher Sozialdemokraten aus dem Exil* [Fuga de França 1940. Social-democratas alemães expulsos do exílio], Frankfurt a.M., Fischer Taschenbuch Verlag.

(Trad. de TMO)